

FRANCES DE PONTES PEEBLES

# TEMPO DE GRAÇA, TEMPO DE DOR

“Ecos de Elena Ferrante  
ressoam nesta  
saga esplêndida.”  
– O. *The Oprah Magazine*



PARA EMÍLIA



O tempo é curto e a água está subindo.

Era isso que um dos diretores de Sofia Salvador – não lembro o nome dele – costumava gritar antes do início das filmagens. A cada vez que ele dizia isso eu imaginava a gente num aquário, as mãos escorregando desesperadamente pelas laterais de vidro enquanto a água cobria nosso pescoço, nosso nariz, nossos olhos.

Caio no sono escutando nossos discos antigos e acordo com a boca seca, a língua áspera como a de um gato. Puxo a alavanca da poltrona reclinável e, com um solavanco, estou sentada com as costas eretas. Uma pilha de fotos repousa no meu colo.

Sou dona da foto mais famosa de Sofia Salvador – a *Brazilian Bombshell*, a Pequena Notável, a ninfa de fala rápida e olhos saltados com seus figurinos reluzentes e cabelo joãozinho que, dependendo da idade e nacionalidade de quem vê, é uma piada, um ícone do brega, uma vítima, uma traidora, uma grande inovadora ou até, como declarou um pesquisador, “um objeto de estudo sério sobre as Latinas de Hollywood”. (É assim que estão chamando a gente agora?) Comprei a foto original e o negativo num leilão, e paguei muito mais do que valiam. Hoje em dia dinheiro não é problema para mim; sou podre de rica e não me envergonho de dizer isso. Quando eu era jovem, os músicos tinham que fingir que sucesso e dinheiro não importavam. A ambição, num sambista e especialmente numa mulher, era vista como um defeito imperdoável.

Na foto, tirada em 1942, Sofia Salvador está com o corte joãozinho que a tornou famosa. Seus olhos estão arregalados. Os lábios, entreabertos. A língua encosta no céu da boca; não dá para saber se ela está cantando ou gritando. Brincos que se assemelham a beija-flores em tamanho real – os olhos de pedras preciosas

reluzindo, seus bicos dourados afiados – pendem das orelhas. Ela era vaidosa com relação aos lóbulos, tinha medo de que ficassem caídos pelo peso de sua coleção de brincos, cada par mais fantástico do que o outro. Era vaidosa com relação a tudo, na verdade; tinha que ser.

Na foto ela usa uma gargantilha de ouro, enrolada duas vezes no pescoço. Abaixo dela há fios e mais fios de pérolas falsas, cada uma do tamanho de um globo ocular. E depois há as pulseiras – argolas de coral e ouro – ocupando a maior parte dos antebraços. No fim do dia, quando eu tirava aqueles colares e aquelas pulseiras e ela parava de ser Sofia Salvador (pelo menos por um momento), Graça balançava os braços e dizia:

– Estou tão leve! Poderia sair voando!

Ela desenhava as sobrancelhas escuras de Sofia tão arqueadas que parecia sempre estar surpresa. A boca – aquela famosa boca vermelha – era o que ela levava mais tempo para produzir. Pintava além do contorno dos lábios de modo que, como todo o resto, eles viravam um exagero da coisa real. E quem era a coisa real? No final de sua curta vida, até mesmo Graça tinha dificuldade de responder a essa pergunta.

A foto foi tirada para a revista *Life*. O fotógrafo posicionou Graça de pé na frente de um fundo branco.

– Finja que está cantando – ordenou ele.

– Por que fingir? – respondeu Graça.

– Achei que você só sabia fazer isso – disparou o fotógrafo.

Ele acreditava que sua fama lhe dava o direito de ser cruel.

Graça o encarou. Estava muito cansada. Sempre estávamos, até eu, que assinava o nome Sofia Salvador em centenas de fotos brilhosas enquanto Graça e os rapazes do Lua Azul suportavam dezoito horas diárias de filmagem, provas de figurino, testes de câmera, ensaios de dança e fotos de divulgação para qualquer que fosse seu filme musical mais recente. Poderia ser pior: poderíamos estar passando fome como nos velhos tempos. Mas pelo menos nos velhos tempos tocávamos música de verdade, juntos.

– Então vou fingir que respeito você – disse Graça ao fotógrafo idiota.

Em seguida ela abriu a boca e cantou. As pessoas se lembram do corte de cabelo, dos brincos enormes, das saias de lantejoulas, do sotaque, mas se esquecem de sua voz. Quando ela cantou para aquele fotógrafo, a câmera quase caiu das mãos dele.

Escuto seus discos – só os antigos, quando ela cantava as minhas músicas e as do Vinicius – e é como se ela ainda tivesse 17 anos e estivesse sentada do meu

lado. Graça, com toda a sua obstinação, seu humor, suas resistências bobas, sua determinação, seu egoísmo completo. É assim que eu a quero, nem que seja só pelos três minutos de uma canção.

Quando a música termina, estou exausta, chorando baixinho. Imagino-a aqui, me cutucando de leve, me trazendo de volta aos meus sentidos.

*Por que diabo você está tão chateada, Dor?*, ela me repreende. *Pelo menos você ainda está aqui.*

A voz é tão nítida que preciso me lembrar de que ela não é de verdade. Conheço Graça há mais tempo na minha imaginação do que na vida real.

*Quem quer a vida real?*, pergunta Graça, rindo de mim. (Ela está sempre rindo de alguém.)

Balanço a cabeça. Depois de todo esse tempo – 95 anos, para ser exata –, ainda não sei a resposta.

A vida que levo agora é uma confusão maçante de caminhadas na praia acompanhada por uma enfermeira; idas à mercearia; tardes no meu escritório; noites ouvindo discos; horas e horas de tédio suportando um fluxo constante de fisioterapeutas e médicos com seus anúncios e sua dedicação sem um pingote de humor. Moro numa casa enorme cercada de empregados. Uma vez, muito tempo atrás, desejei esse conforto.

*Cuidado com o que você deseja, Dor.*

É tarde demais para ter cuidado, meu amor.

Agora desejo que a parte antiga e caótica da minha vida – aqueles primeiros trinta e poucos anos – volte, mesmo com sua crueldade, seu sacrifício, seus erros, seus malfeitos. Meus malfeitos. Se eu pudesse escutar minha vida – se pudesse colocá-la num toca-discos como um LP gasto –, ouviria um samba. Não do tipo escandaloso que toca no Carnaval. Nem uma daquelas marchinhas bobas, efêmeras e insossas como bolhas de sabão. Tampouco um daqueles lentos e românticos. Não. O meu seria um samba de roda, do tipo que a gente tocava depois do trabalho e de umas bebidas fortes. Começa triste, talvez com o gemido solitário de uma cuíca. Depois, bem devagar, outros se juntam à roda – vozes, violões, um tamborim, o raspar de um reco-reco – e a música começa a abrir caminho desse ponto de partida manso e passa para algo mais cheio, mais denso, mais sombrio. Tem todos os elementos de um samba de verdade (ainda que não necessariamente um grande samba). Há lamento, humor, rebeldia, luxúria, ambição, arrependimento. E amor. Tem isso também. É todo improvisado, então, se houver erros, eu tenho que passar por cima deles e continuar tocando. Por baixo de tudo há o obstinado – o ritmo principal que nunca varia, nunca hesita. Mantém o compasso

teimoso; a batida que está sempre ali. E aqui estou eu: a única que restou na roda, evocando vozes que não ouço há décadas, ouvindo um refrão de discussões que eu nunca deveria ter tido. Tentei não escutar esta música por inteiro. Tentei evitá-la com a bebida, o tempo e a indiferença. Mas ela continua na minha cabeça, e não vai parar até que eu me lembre da letra inteira. Até que eu a cante em alto e bom som, do início ao fim.

## RIACHO DOCE

Vem beber comigo,  
vem ouvir esta canção.  
O tempo endureceu meu coração.  
O álcool vai soltar meu canto,  
o som vai nos levar, eu sei,  
aos lugares que um dia amei.

O homem criou o fogo  
pra queimar canaviais.  
E Deus criou a música  
para abafar os meus ais.

Na minha terra o açúcar é rei,  
o riacho é doce e é bela a natureza.  
Dizem que uma mulher se afogou nas águas  
e seu fantasma assombra as profundezas.

Fique ao meu lado, aqui na margem,  
ouça a minha voz, forte de emoção.  
Entre comigo na água doce,  
me deixe, com essa canção,  
abrir seu coração.

Fomos arrastadas sob as águas,  
este refrão sempre cantando:  
Se voltar ao lugar tão amado  
verá que ele acabou mudando.

O homem criou o fogo  
pra queimar canaviais.  
E Deus criou a música  
para abafar os meus ais.

## RIACHO DOCE



**S**eria melhor começar com Graça – com sua chegada, com nosso primeiro encontro. Mas a vida não é bem-ordenada como uma história ou uma canção; ela nem sempre começa e termina em pontos decisivos. Mesmo antes da chegada de Graça, mesmo quando eu ainda era pequena, eu sentia que tinha nascido num papel que não se encaixava com as minhas ambições, como um talo de cana-de-açúcar enfiado à força num dedal.

Sobrevivi ao meu próprio nascimento, o que em 1920 era um grande feito se você nascesse na miséria, morando num canavial. A parteira contou a todo mundo como ficou surpresa ao ver uma menina tão forte e saudável sair do útero cansado da minha mãe. Fui a última de cinco filhos. A maioria das mulheres que trabalhavam no engenho tinha dez, doze, até dezoito filhos. Mas ela não era casada e nunca tinha sido. Todos os meus irmãos há muito desapareceram e eu – a única menina – tivemos pais diferentes. Isso fazia com que minha mãe fosse pior do que uma puta aos olhos das pessoas, porque pelo menos uma puta tinha o bom senso de cobrar pelos seus serviços.

Eu não ousava perguntar sobre minha mãe, com medo do que poderia ouvir e não querendo me arriscar a apanhar; eu não podia fazer pergunta nenhuma, veja bem. Ninguém falava sobre ela, a não ser para me insultar. Diziam que eu era grandalhona como ela. Que eu tinha o pavio curto como ela. Que eu era feia que nem o pecado, como ela, que só me faltavam as cicatrizes cobrindo os braços e o rosto, provocadas pela cana. Pelo menos durante um tempo ela foi cortadora de cana – uma das poucas mulheres que suportavam esse trabalho. Mas o insulto que mais aparecia era sobre seu jeito fácil com os homens. Se eu não usasse sal suficiente para esfregar o sangue das tábuas

de corte do engenho, se parasse de mexer a geleia quente infernal no fogão mesmo que por um segundo ou se demorasse demais para trazer à cozinha Nena ou às suas ajudantes alguma coisa da despensa ou da horta, me acertavam com uma colher de pau e me chamavam de filha da puta. Assim, passei a conhecer minha mãe através de todas as coisas que as pessoas desprezavam nela e em mim. E me dei conta, mesmo não podendo articular isso com clareza na infância, de que as pessoas odiavam o que temiam, e por isso eu me orgulhava dela.

A parteira ficou com pena de mim, por ser um bebê tão saudável, e em vez de me sufocar, de me jogar no canavial para os urubus bicarem ou de me dar a algum coronel para criar feito bicho de estimação ou escrava (na época essas práticas eram comuns para as crianças sem família), ela me entregou a Nena, a cozinheira-chefe no Engenho Riacho Doce. Havia centenas de engenhos no litoral do nosso estado de Pernambuco, e o Riacho Doce era um dos maiores. Nos bons tempos, quando o preço do açúcar estava alto, Nena comandava uma equipe de dez ajudantes de cozinha e dois criados. Ela era peituda feito um galo premiado e tinha mãos tão grandes e mortais quanto suas frigideiras de ferro fundido. A família Pimentel era dona do Riacho Doce e seus membros eram os senhores da casa-grande, mas, na cozinha, era Nena quem mandava. Por isso ninguém se opôs quando, depois de a parteira me trazer, nua e chorando, a cozinheira decidiu me criar como sua ajudante.

Todo mundo da casa-grande – as arrumadeiras, as lavadeiras, os cavaleiros, os criados – foi à cozinha de Nena para me ver. Repararam sem disfarçar na minha pele rosada, nas minhas pernas compridas, nos meus pés perfeitos. No dia seguinte, parei de tomar o leite de cabra que Nena me dava na mamadeira. Ela foi à casa de uma ama de leite e cuspi as tetas da mulher. Eu era pequena demais para tomar mingau de mandioca, mas Nena tentou me dar assim mesmo. Cuspi isso também, e logo fiquei murcha e amarela feito uma velhota. Falaram que tinham colocado olho grande em mim. Mau-olhado, diziam, olho gordo. Nomes diferentes para o mesmo azar.

Nena foi pedir ajuda ao Velho Euclides. Euclides era enrugado, fofoqueiro, da cor do melaço raspado dos tachos do engenho. Ele trabalhava no Riacho Doce por mais tempo do que Nena, primeiro como cavaleiro e depois como jardineiro. Euclides tinha uma jumenta que dera cria e perdera o filhote, mas não o leite. Nena me levou ao estábulo e me segurou bem na teta da jega, e eu bebi. Tomei aquele leite de jega até engordar e ficar forte de novo. Minha cor mudou; ficou menos como uma rosa e mais como o pelo

castanho daquela jumenta. Meu cabelo cresceu grosso. Depois disso passaram a me chamar de Jega.

Na mente supersticiosa e atrasada das pessoas, a garota que me tornei era indissociável do leite materno que eu havia tomado.

– Jega é burra feito um jumento – provocavam os criados.

– Jega é teimosa feito um jumento – reclamavam as ajudantes de cozinha.

– Jega é feia que nem um jumento – diziam os cavaleiros quando queriam ser cruéis.

Todos queriam que eu acreditasse nisso. Queriam que eu virasse aquela Jega. Eu jamais daria a eles esse gosto.



A casa-grande ficava no alto de um morro. Da varanda cheia de colunas dava para ver quase todas as áreas do Riacho Doce: o portão principal, o engenho propriamente dito, com a chaminé enegrecida, os estábulos dos cavalos e dos jumentos, a casa do administrador, o barracão do carpinteiro, a velha casa de farinha, um pequeno quadrado de pasto e milharal, o alambique e os armazéns com suas grossas portas de ferro. E era possível ver a linha de água marrom que dava seu nome ao Engenho Riacho Doce, apesar de ser muito mais largo do que um riacho e suas águas não serem doces.

Todo engenho tinha uma história de fantasma, e o nosso não era diferente: uma mulher havia se afogado no rio e ainda morava lá. Alguns diziam que ela fora morta por um amante, outros que por um patrão, outros diziam que ela havia se matado. Diziam que era possível ouvi-la à noite, embaixo d'água, cantando pelo amor perdido ou tentando atrair as pessoas para as águas para afogá-las, para que lhe fizessem companhia. A história variava, dependendo de você acreditar no fantasma bom ou no vingativo. As mães do Riacho Doce a contavam aos filhos na hora de dormir, e isso os mantinha longe do rio. Foi Nena quem me contou a história do fantasma.

Atrás da casa-grande ficava um pomar, e atrás desse as senzalas de telhado baixo que tinham sido convertidas em alojamentos dos empregados. Nena e eu éramos as únicas que tinham permissão de dormir na casa-grande, o que nos separava do resto dos empregados. Esse status especial não afetava Nena tanto quanto afetava a mim. Eu era Jega – a alma mais inferior na hierarquia rígida da casa-grande – e as criadas e os criados faziam questão de me lembrar desse fato. Me davam tapas, beliscavam meu pescoço, me xingavam e cuspiam em mim. Me davam pancadas com colheres de pau e passavam banha na soleira da porta dos

empregados para me fazer escorregar e cair. Me trancavam na latrina fedorenta até eu abrir a porta a chutes. Nena sabia que me pregavam essas peças, mas não fazia nada para impedir.

– A cozinha é assim mesmo – dizia ela. – Você tem sorte de os garotos não tentarem entrar debaixo da sua saia. Daqui a pouco vão querer fazer isso. É melhor aprender a se defender agora.

Nena sempre me advertia:

É melhor ficar de cabeça baixa.

É melhor ficar fora das vistas.

É melhor *arrumar o que fazer*.

Se eu não obedecesse, ela me batia com uma colher de pau, um velho chicote ou com as próprias mãos. E, apesar de temer essas surras, eu não as considerava estranhas ou ruins; não conhecia nenhum outro tipo de afeto, e Nena também não. Ela usava os punhos para me ensinar as coisas que não conseguia articular, lições que me manteriam viva. Nena era capaz de me manter em segurança só em sua cozinha, e em mais lugar nenhum. Eu era uma criatura sem família nem dinheiro. Mais uma boca para alimentar. E, pior ainda, era uma menina. Por um capricho dos donos eu poderia ser expulsa da casa-grande e ter que me virar sozinha naquele mar de cana-de-açúcar. E o que uma menininha feia tinha a oferecer ao mundo, a não ser o próprio corpo? Então eu precisava aprender a defender implacavelmente aquele corpo contra todo cavaliço, peão ou qualquer um que pudesse tentar usá-lo com violência. E ao mesmo tempo precisava aprender a ser útil na casa, obedecer aos patrões a todo custo ou, melhor ainda, ficar totalmente fora das vistas deles. Enquanto permanecesse invisível, estaria em segurança.

Assim, enquanto menininhas como Graça brincavam com bonecas e vestidos, eu aprendia outras brincadeiras. Brincadeiras onde força era poder e esperteza significava sobrevivência.

Quando eu tinha 9 anos, a grande depressão financeira atingiu o Brasil e o açúcar passou a valer quase nada. Propriedades menores perto do Riacho Doce fecharam as casas-grandes com tábuas nas portas e janelas e puseram os trabalhadores para fora dos portões. O engenho do Riacho Doce foi fechado. Depois de ficar soterrada em dívidas, a família Pimentel se mudou. Houve boatos de uma venda. Logo depois os cortadores de cana foram trabalhar em outros engenhos que haviam sobrevivido à crise. As plantações foram abandonadas. O alambique foi trancado. Um a um, as criadas, as ajudantes de cozinha e os cavaliços foram embora. Logo restaram apenas Nena, o Velho Euclides e eu.

– Eles vão voltar – dizia Nena, falando da família Pimentel. – Ninguém abandona as próprias terras. E, quando eles voltarem, vão lembrar quem foi leal e quem não foi.

Nena era impelida pela lealdade e pelo medo. Ela e o Velho Euclides tinham nascido no Riacho Doce antes de a escravidão ser abolida no Brasil em 1888, e tinham permanecido mesmo depois de serem libertos. Durante o abandono, o Velho Euclides cuidava do terreno, garantindo que ninguém levasse animais do estábulo ou roubasse frutas do pomar. Nena não deixaria seus tachos de cobre e suas panelas de ferro caírem nas mãos de saqueadores ou cobradores, por isso escondia qualquer coisa de valor. Jogos de louça, bandejas e terrinas de prata, talheres de ouro puro, uma tigela feita de madrepérola, tudo foi posto embaixo das tábuas do piso da cozinha. Comemos tudo que restava na despensa. E depois, como nenhum de nós tinha recebido nada desde a partida da família Pimentel, começamos a fazer escambo na feira. Trocávamos ovos por farinha, carambolas do pomar por um pouco de carne-seca, garrafas de melado por feijão. Foram tempos de vacas magras, mas não infelizes. Pelo menos para mim.

Durante muitos meses a casa-grande ficou fechada e eu passava os dias lá dentro. Eu saltitava pelo piso de pedra, enfiava as mãos embaixo dos panos colocados para proteger os móveis e sentia o mármore frio, as ondulações e curvas dos pés de mesa, os chanfros dourados dos espelhos. Tirava livros das estantes e os abria bem para ouvir as encadernações estalarem. Subia e descia orgulhosamente a ampla escadaria de madeira, como imaginava que a dona da casa faria. Pela primeira vez em meus 9 anos de vida, eu tinha o luxo do tempo e da liberdade – para explorar, fazer de conta, brincar sem medo de levar uma surra ou uma bronca, viver sem a preocupação constante de ser expulsa do Riacho Doce por alguma pequena infração. Eu podia ser criança e comecei a acreditar que sempre teria essa liberdade. Deveria saber muito bem que não seria assim.

Um dia, enquanto eu estava na biblioteca tentando decodificar os símbolos misteriosos dentro dos livros da família Pimentel, ouvi um rugido terrível lá fora. Parecia um cachorro gigante rosnando junto ao portão da casa-grande. Corri até Nena, que abriu a porta da frente.

Um automóvel roncava do lado de fora da porteira. O Velho Euclides foi correndo, subitamente alerta feito um cachorrinho, e a abriu. O carro parou e um homem saiu pelo lado do motorista. Usava chapéu e um sobretudo para proteger o terno. Ele abriu a porta do carona e a de trás. Duas mulheres saíram: uma pálida, também usando casaco de viagem, e a outra com uniforme listrado de empregada doméstica e uma touca de renda. A empregada tentou puxar alguma

coisa do banco de trás. Ouvei um sibilar e um guincho alto. Por um momento acreditei que havia um animal no carro – um gato ou algum tipo de gambá –, até que vi as mãos da criada segurando dois pés pequenos calçados com botas de couro envernizado. As botas se soltaram das mãos da criada com chutes. A mulher se enfiou mais para dentro do carro. Depois vieram gritos, grunhidos, um redemoinho de anáguas brancas e finalmente um berro. A criada pulou do banco de trás do automóvel com os olhos lacrimejando, a mão pressionando um arranhão recente no rosto.

– Deixe-a aí dentro! – disse o homem rispidamente. – Ela já tem idade para descer sozinha.

A criada concordou com a cabeça, a mão ainda pressionando o rosto. A outra mulher suspirou e desabotoou o sobretudo, revelando um vestido de seda e um emaranhado de pérolas no pescoço.

Um halo de cachos ruivos cercava seu rosto. A pele era do tipo que chamamos de “branco de engenho”, porque essa era a valiosa cor do açúcar. O que usávamos na cozinha da casa-grande era o de segunda: grosso e cor de areia; não era branco, mas também não era marrom. Exatamente como eu.

– É melhor mesmo ela não sair – disse o homem, olhando a estrada de terra. – Ela vai ficar imunda.

Ele era mais moreno, tinha o queixo bem marcado e um nariz romano que se inclinava feito uma flecha apontando para a boca de lábios grossos.

– Daqui em diante teremos de nos acostumar com um pouco de terra – respondeu a mulher branca de engenho, e seus lábios se franziram como se ela estivesse contendo o riso, como se tivesse contado a si mesma uma piada indecente.

À menção da terra, uma menina da minha idade saiu se contorcendo do banco de trás. Usava um vestido cor de manteiga e luvas brancas. Na cabeça tinha um laço torto; ela o arrancou do cabelo e jogou no chão. Chutou a terra, arrastando as botas, depois olhou de cara feia para os adultos ao redor, desafiando-os a mandar que ela parasse. Depois me viu e ficou imóvel. Para ela, eu não era invisível.

Seus olhos eram cor de cortiça. A boca parecia pintada no rosto, como de uma boneca. Não sei quanto tempo ficamos nos encarando; só lembro que eu não queria desviar os olhos primeiro, decidida a não deixá-la vencer.

Ainda me encarando, a menina colocou a mão enluvada na lataria do carro, arrastando-a pela lateral inteira. Depois levantou a mão. A palma da luva estava vermelha como a terra embaixo dos meus pés descalços. A menina abriu um sorrisinho, como se contasse uma piada, mas eu sabia que ela não queria me divertir. Luvas eram para os ricos. Eram caras e delicadas. Alguma pobre lavadeira teria a

tarefa nem um pouco invejável de tentar limpar aquela luva imunda, tão pequena que ficaria embolada em suas mãos e faria os nós dos dedos rasparem na tábua de lavar até sangrarem. Mas a menina não ligava para a luva, para a lavadeira ou para coisa alguma. Era capaz de arruinar uma coisa perfeitamente boa sem motivo nenhum. Senti respeito e repulsa ao mesmo tempo.

– Graça! – gritou o homem.

O homem e a mulher começaram a discutir. Nena, o Velho Euclides e eu ficamos parados, esperando que reconhecessem nossa presença. Só quando precisaram de ajuda nós nos tornamos de carne e osso para eles: o homem ordenou que Euclides pegasse as bagagens no porta-malas; a mulher pálida largou o casaco nos braços de Nena. Foi então que eu soube que aquelas pessoas não eram visitantes, mas sim proprietários que tinham vindo assumir o Riacho Doce e a casa-grande.

Também eram da família Pimentel – primos dos donos anteriores. À medida que atravessávamos juntos a casa-grande, Dona Aurora se movia languidamente ao lado do marido, parecendo cansada enquanto apontava vazamentos e rachaduras, tinta descascando e madeira podre. Seu marido, Seu Pimentel, puxou os panos que cobriam móveis, como um mágico revelando seu truque.

– Eu me lembro do meu avô usando essa escrivadinha! – exclamou ele. E, mais tarde: – Fui eu que derramei tinta nessa poltrona!

A liberdade vertiginosa que eu tinha sentido durante muitos meses se esvaiu em apenas uma hora depois da chegada daqueles novos patrões. Todos os livros que eu tinha tirado das estantes, todo o marfim e as quinquilharias de vidro que eu tinha limpado e acariciado, todas as mesas embaixo das quais eu tinha me escondido fingindo que estava numa tenda em alguma terra exótica, todos os espelhos em que havia me examinado jamais seriam meus de novo, para brincar. Outra vez eu precisaria ser útil e invisível, obedecer para não ser mandada embora. Quando os pais não estavam olhando, a menina com olhos de cortiça esticava a língua para mim. Era rosa e lisa como um jambo. Senti vontade de arrancar a ponta a dentadas.

Por fim os novos patrões tiraram os panos que protegiam duas poltronas e se sentaram, exaustos, na sala de estar. Ordenaram que Nena fizesse café. Nós corremos para a cozinha, onde Nena agarrou meu braço e me mandou pegar os últimos preciosos grãos que ela havia escondido embaixo de seu catre. Depois de voltar para cima, espiei por entre as ripas da porta da sala enquanto Nena servia café aos novos patrões. Eles esperaram até ela sair para beber; não a acompanhei até a cozinha.

Seu Pimentel tomou um gole e fez careta.

– Ela usou uma meia velha para coar isso? – perguntou.

Dona Aurora balançou a cabeça.

– Precisaremos treinar novos empregados. Que coisa exaustiva!

– Nena é uma boa cozinheira, você vai ver. Ela está aqui desde que eu era pequeno.

– Você acha que ela e o velho tiveram aquela menina juntos? Coisinha feia, coitada.

Seu Pimentel gargalhou.

– Nena já está com o pé na cova. E a menina é clara demais para ser deles. Aposto que não é tão feia embaixo de toda aquela sujeira. Ela só precisa de um bom banho.

– Ela vai ficar na cozinha – disse rispidamente Dona Aurora. – Se crescer e ficar com uma aparência aceitável, poderá servir à mesa.

Seu Pimentel segurou a mão da mulher. Ela o encarou com a mesma expressão cansada que tivera ao inspecionar a casa-grande. Os dois discutiram os planos para a casa. Móveis que estavam em cima viriam para baixo. Tapetes seriam jogados fora. Cortinas, trocadas. Seriam instalados encanamento de água e um vaso sanitário, o que significava quebrar as grossas paredes brancas da casa.

Ouvi passos atrás de mim. Antes que pudesse me esconder, senti uma ardência terrível na parte de trás do braço. A menina com olhos de cortiça beliscou a pele acima do meu cotovelo. Olhei-a irritada e sacudi o braço, me soltando.

– Marta sempre chorava quando eu beliscava ela – disse a menina.

– Quem é Marta?

– A ajudante de cozinha na minha outra casa, no Recife. É uma mansão. Melhor do que este chiqueiro.

– Esta é a melhor casa de todos os engenhos – falei.

A menina deu de ombros.

– Você deve morrer de chatice aqui.

– Estou parecendo morta?

– É só um modo de falar. Você é burra?

– Muito menos do que você parece.

Os olhos da menina se arregalaram.

– Você não pode falar assim comigo.

Ela tinha razão: eu estava arriscando meu lugar naquela casa-grande. Culpo aqueles muitos meses de liberdade pela minha ousadia e pelo que aconteceu em seguida.

– Agora esta casa é minha – disse ela.

Minha mão deu um tapa estalado, arrebatador, na bochecha dela. A menina ofegou. Eu saí correndo.

A despensa era um lugar vazio, fresco. Sentei lá dentro, esperando. Meus dedos latejavam do tapa que eu tinha dado. Tive pensamentos nauseantes de Nena me encontrando e me dando a pior surra da minha vida. Ou, pior ainda, do Seu Pimentel entrando na cozinha e me expulsando do único lar que eu havia conhecido. Depois do que pareceu uma eternidade, houve passos e um falatório, depois o automóvel roncou outra vez e os novos patrões partiram com a promessa de voltar e começar as reformas.

Fiquei impressionada de a menina não ter me dedurado. Isso a tornou tolerável para mim, mas também perigosa. O que iria querer em troca do silêncio? O que eu ficaria devendo a ela? Essas foram as perguntas que fiquei me fazendo nas semanas antes da volta dos novos patrões, enquanto carpinteiros, pedreiros e encanadores serravam, martelavam e enfiavam tubos de cobre nas paredes da casa-grande.

Anos depois perguntei a Graça sobre o dia em que nos conhecemos e ela riu. Disse que eu me lembrava de tudo errado. Ela é que tinha me dado um tapa.



Eu conhecia cada canto empoeirado da casa-grande, cada armário vazio, cada aparador com tamanho suficiente para me esconder dentro. Quando os novos patrões finalmente se mudaram para o Riacho Doce, eu esperava os momentos em que Nena estava distraída e saía da cozinha. Me escondia e observava Graça vestir e despir suas bonecas, mordendo seu lábio rosa e perfeito quando não conseguia combinar um vestido com um avental. Observava a criada escovar o cabelo dela até ficar lustroso feito o chocolate derretido que Nena derramava em cima dos bolos para os Pimentel. Observava Graça almoçar na mesa de refeições formal, o pé pequenino chutando os pés da cadeira até que sua mãe se irritasse e a mandasse parar. Ela usava meias com acabamento de renda e anáguas e vestidos com aventais cheios de babados. No fim do dia as roupas engomadas murchavam por causa do calor. Uma vez entrei na lavanderia e achei suas roupas sujas. Segurei um dos vestidos na frente do corpo e depois o encostei no rosto. A lavadeira me pegou e, com a mão parecendo uma correia de couro em volta do meu braço, me arrastou até Nena. A lavadeira disse que eu estava tentando colocar um dos vestidos da patroinha, o que era mentira.

– Eu não quero os vestidos idiotas dela – reagi, me defendendo para Nena. – Queria saber qual era o cheiro do suor dela.

– E qual é o cheiro? – perguntou Nena, rindo. – De rosas?

– Só de suor – respondi.

Nena balançou a cabeça e depois me bateu com um cinto velho.

Uma tarde, não muito tempo depois do incidente na lavanderia, Graça entrou sorradeira na cozinha. Eu estava sozinha perto da despensa, descascando batatas. Ela puxou minha trança. Fiquei feliz em vê-la, mas não sorri.

– Venha ao meu quarto – ordenou ela. – Agora.

– Estou trabalhando.

– Você tem que fazer tudo que eu mandar.

Esfreguei uma batata molhada em seu nariz perfeitamente arrebitado.

– Eu faço o que Nena manda.

Graça deu um passo atrás, limpando o sumo de batata do nariz, e depois saiu correndo.

Senti uma emoção secreta por vencer aquela contenda, e então me arrependi imediatamente. Aquilo não era uma disputa de iguais. Graça era a patroinha e poderia facilmente me castigar de maneiras que eu jamais poderia castigá-la. Mas lhe negar minha companhia era o único poder que eu tinha.

No dia seguinte Dona Aurora apareceu na cozinha. Andou em volta das mesas, parando em cada posto de trabalho e fingindo inspecionar o que cada moça fazia. A seriedade não era algo natural para ela. Todos nós, que trabalhávamos na casa-grande, tínhamos nascido no papel de serviçais, havíamos sido ensinados desde a infância a adivinhar os hábitos e humores dos patrões, por isso notamos a fraqueza de Dona Aurora antes mesmo de ela dar uma única ordem, e muitos se aproveitaram disso. Nena não permitia que ninguém que trabalhasse na cozinha se safasse dos próprios deveres, mas as empregadas da frente da casa não estavam sob seu comando. Elas não limpavam a poeira atrás dos armários, deixavam impressões digitais na prataria e se sentavam nos móveis dos Pimentel quando ninguém estava olhando – comportamentos que uma patroa capaz teria notado e castigado rapidamente. Dona Aurora não era capaz. Como muitas mulheres de sua época, tinha sido treinada para ser tímida e recatada com todo mundo, a não ser com os empregados, com quem deveria ser enérgica e segura de si. Esperava-se que ela fosse duas mulheres ao mesmo tempo, e acho que isso era o que causava a sua saúde frágil.

Pensando na Dona Aurora, não consigo me lembrar exatamente do seu rosto. Tinha olhos castanhos ou azuis? Os dentes da frente eram tortos ou retos e certinhos como os de um pente? Quando penso nela, penso num fado: a tristeza óbvia, mas uma profundidade e uma voluptuosidade tais que a gente não consegue

deixar de querer que a melodia nos envolva. O fado não tem o humor dissimulado do blues; seus lamentos são dolorosamente sérios. Isso faz com que algumas pessoas não gostem dele, sentindo repulsa por sua vulnerabilidade. Já outras nos sentimos protetoras em relação a ele.

Hoje tenho certeza de que um médico diagnosticaria Dona Aurora com depressão, ansiedade, baixa autoestima ou qualquer uma dessas enfermidades mentais que se tornaram tão populares. Diria para ela tomar comprimidos, ler livros sobre aproveitar a vida, e ela pagaria a alguém para ouvi-la falar dos próprios sentimentos. Talvez essas coisas tivessem ajudado a Dona Aurora, mas elas não existiam quando ela era viva. Médicos visitavam o Riacho Doce e o diagnóstico de todos eles era que Dona Aurora tinha uma disposição nervosa. Na época era chique as mulheres de um certo status sofrerem desse tipo de doença.

Se a nova senhora da casa-grande era um fado de carne e osso, o senhor era o oposto: era um jingle. O tipo de música que não é feita para satisfazer nossos desejos mais profundos, mas para nos convencer e induzir a comprar uma certa marca de goma de mascar; o tipo de música grudenta cujo encanto a princípio faz a gente acreditar que ela é inofensiva, ao mesmo tempo que vai penetrando e nos coagindo a acreditar que é preciso querer exatamente o que ela manda querer, que a gente deveria se abrir para ela e deixá-la reivindicar seu domínio. E quando a gente percebe as intenções do jingle, já é tarde demais. Não dá para fugir dele, nem mesmo décadas depois, por mais que se tente.

Seu Pimentel era bonito, para um homem casado de seu status; não tinha permitido que as refeições fartas e a bebida o deixassem inchado. Todas as manhãs, mandava o Velho Euclides engraxar suas botas de montaria até brilharem como espelhos. E depois de permitir ao velho o prazer de lhe calçar as botas, Seu Pimentel montava no cavalo e percorria os canaviais com seu capataz, coisa que o fazia parecer diligente. Beijava frequentemente a mão da esposa e a acompanhava até a mesa para as refeições. Se ela estivesse cansada demais para descer para comer, ele a visitava em seus aposentos. Tratava a Dona Aurora como se ela fosse um parente mais velho, mais poderoso – era obsequioso e gentil na sua presença, mas depois, quando ela saía, soltava um pequeno suspiro de alívio. As criadas fofocavam dizendo que tinha sido a fortuna da senhora que os mantivera de pé e permitira que salvassem o Riacho Doce da ruína. Porém era Seu Pimentel, como o homem da família, que segurava as rédeas do engenho. Ele tinha um sorriso para todo mundo, até para mim, e especialmente para as criadas jovens. Mais de uma vez o vi conversando com as mais novas – moças de 13 e 14 anos que ficavam boquiabertas com suas roupas chiques e,

acima de tudo, com o interesse que ele demonstrava por elas. Ele as fazia dar risadinhas e ruborizar.

– É melhor ficar fora do caminho do Seu Pimentel – me alertava Nena.

Eu acreditava que seu aviso era simplesmente uma repetição do que ela já havia martelado em mim: cuide da sua vida, fique fora das vistas. E mais tarde, quando Dona Aurora insistiu que todas as criadas trabalhassem em pares – uma mais velha com uma mais nova –, achei que ela estivesse simplesmente tentando mostrar a todos nós quem é que mandava.

No dia em que Dona Aurora apareceu na cozinha nós ficamos de cabeça baixa e continuamos a descascar, raspar, misturar e lavar. Mas não perdíamos seus movimentos de vista enquanto ela passava pelos fogões e pelas mesas de corte, finalmente parando ao meu lado. Ficou olhando pelo que pareceram horas enquanto eu catava feijão, tirando pedrinhas e grãos murchos e estragados. Então ela fez uma coisa que eu não esperava: estendeu o braço e segurou minha trança em sua mão pálida, como se estivesse pesando um pedaço de corda.

Fiquei imóvel. Até aquele ponto, o toque mais suave de que eu podia me lembrar era o de Nena me cutucando com a colher de pau. O fato de a Dona Aurora não me dar um puxão para trás me confundiu e me espantou.

– Cabelo liso como de uma indiazinha – disse ela, passando os dedos na ponta da trança. – As moças do Recife pagariam uma fortuna por um cabelo assim.

Dona Aurora se afastou de mim e falou baixo com Nena.

– Jega! – gritou Nena assim que Dona Aurora saiu. – Lave as mãos e atrás das orelhas e vá colocar o seu vestido bom. A senhora quer você na frente da casa.

Minha mão se elevou até a minha trança e a segurou.

– Por quê?

– Não tem nada de “por que”, menina. A senhora quer você. E pronto.

– Ela vai roubar meu cabelo? – perguntei sem pensar.

Perto de nós, uma ajudante de cozinha soltou uma risada estridente. Outra riu. Nena balançou a cabeça. Nunca fui particularmente ligada ao meu cabelo, mas ele era meu e eu queria mantê-lo assim.

– Anda logo antes que eu deixe você roxa de pancada e corte seu cabelo eu mesma! – gritou ela.

A frente da casa estava silenciosa. As criadas falavam aos sussurros. No corredor escutei a Velha Tita afofando almofadas na sala de estar. Quando Tita me viu junto à porta, suspirou, parou de trabalhar e me levou para o andar de cima, ao quarto de brinquedos. Graça estava lá. Com uma determinação inflexível ela vestia e despia uma série de bonecas com cabeça de louça.

– Aqui – disse ela, jogando uma para mim. – Troque a roupa dela.  
Eu nunca tinha segurado uma boneca. Seus olhos pintados eram grandes, a boca vermelha aberta numa espécie de espanto idiota.  
– Por que chamam você de Jega? – perguntou Graça.  
Encarei-a.  
– Porque eu dou coice e mordo.  
Graça me olhou de volta, sem se impressionar.  
– É um nome idiota. Deve ser o mais idiota que eu já escutei.  
Olhei para a boneca no meu colo, de modo que Graça não me visse sorrir.  
– Você gosta dessas bonecas?  
– Não – respondeu Graça. – Eu brincava no armário da mamãe. Podia experimentar os vestidos de noite. As tiaras. Mas ela não trouxe nenhuma coisa fina para cá.

Pus a boneca no chão e fui para a porta do quarto de brinquedos.  
– Venha – falei.  
– Para onde?  
– Lá para fora.  
Graça se levantou.  
– A gente não pode ir lá.  
– Por que não?  
– Porque eu não disse que a gente pode.  
– Então diga. Diga que a gente vai lá para fora.  
Graça olhou para a boneca frouxa em suas mãos, depois para mim.  
– Primeiro diga o seu nome de verdade.  
Nena tinha me contado qual era o meu nome – meu nome de batismo – quando eu já tinha idade para lembrar. Antes de morrer, minha mãe disse à parteira como queria que eu me chamasse. Foi a única coisa que ela me deu, além da vida.  
– Maria das Dores – respondi.  
Graça jogou sua boneca numa pilha de brinquedos.  
– Das Dores, aqui não tem nada para fazer. A gente vai lá para fora.  
Então eu surpreendi Graça e a mim mesma pegando-a pela mão. Era macia e quente, como uma pequena bola de massa que eu poderia moldar facilmente entre os dedos.



Ela era Maria das Graças e eu era Maria das Dores. Pegue qualquer nome, começando com qualquer letra do alfabeto, ponha Maria na frente e você terá o nome

de três quartos das meninas da nossa geração, ricas ou pobres – Maria Emília, Maria Augusta, Maria Benedita, Maria do Carmo, Maria das Neves e assim por diante. Havia tantas Marias que ninguém nos chamava de Maria. Usávamos o segundo nome. Assim Graça foi sempre Graça, até virar Sofia Salvador, e eu sempre fui Jega, até ela me chamar de Das Dores.

Os americanos me chamam de *Das Dorís*. Não dá para evitar. Tento ensinar as pessoas a dizer meu nome do jeito certo, como é em português.

– Dô-res – digo –, a primeira sílaba forte e a segunda bem fraca.

Quando perguntam o que significa, eu respondo sem hesitar:

– Dor, sofrimento.

Depois sempre franzem a testa. Entendo por quê: todo mundo quer que os nomes signifiquem coisas boas. Como se nosso nome fosse nosso destino.

Graça e Das Dores, o par perfeito! O engenho era nosso reino. Ensinei Graça a subir nas árvores no pomar, a jogar acerolas podres nos criados, a pegar aveia escondida, levar para os jegues e fazer carinho no focinho macio deles. Ela me ensinou a jogar bola de gude e pedrinhas, a fazer um laço, a ficar sentada ereta com os tornozelos cruzados. Nós subíamos em cima de barris e espiávamos dentro do engenho, olhando os homens, o peito brilhando de suor, fazendo a cana virar açúcar. Ficávamos longe das plantações porque as folhas de cana eram afiadas como as facas de Nena; todos os cortadores de cana tinham cicatrizes nos braços. Mas depois da colheita a terra ficava marrom e nua como um bolo sem glacê, e Graça e eu íamos aonde queríamos. Às vezes escapávamos até o rio para nadar escondidas e voltávamos queimadas de sol e suando à casa-grande, onde Dona Aurora estava de pé na varanda dos fundos (eu não tinha permissão de usar a porta da frente) esperando por nós.

– Onde vocês estavam? – perguntava Dona Aurora a Graça. – Você não pode brincar muito tempo no sol! Vai ficar com o rosto moreno e nunca vai casar.

Essa era a ameaça que Dona Aurora usava contra Graça em suas tentativas débeis de disciplinar a filha: *Não roa as unhas, senão nunca vai casar! Não arranhe as pernas nas árvores, senão nunca vai casar! Tenha bons modos, senão nunca vai casar!*

Graça era uma patroinha, e o destino de uma patroinha era se casar e ter uma casa-grande só dela. A do Riacho Doce e todas as suas terras não seriam de Graça; estavam destinadas ao seu irmão, que, para frustração de Seu Pimentel, ainda não existia. Durante suas discussões frequentes ele perguntava à esposa por que, depois de meses exposta ao ar puro e à tranquilidade do campo, ela não estava se sentindo melhor. Dona Aurora respondia que a mudança para o Riacho Doce não tinha sido por causa dela, que desejava que o marido parasse de fingir. In-

sistia que tinham se mudado para longe da capital por causa dele, que tinha sonhos equivocados de se tornar um barão do açúcar. Se tivessem ficado no Recife, gritava Dona Aurora, Graça estaria numa escola decente, teria amigos decentes, aprenderia bons modos, usaria chapéus e luvas e, mais tarde, seria cercada por uma dezena de jovens cavalheiros querendo-a como esposa.

– Ela tem o sobrenome Pimentel – respondia inevitavelmente o senhor. – Mesmo se for sem graça feito um poste, os rapazes vão fazer fila por causa dela. O que está na cabeça dela não importa, querida.

– Minha filha nunca será sem graça.

Se Seu Pimentel acreditava que, por ser uma menina, Graça era insignificante e, portanto, invisível, Dona Aurora acreditava que era seu dever dar à filha substância e fazer com que ela fosse vista. Naquela época, ser mulher de substância significava ser encantadora mas jamais atirada, divertida mas não frívola, adorável mas não desesperada para que gostassem dela, e devota mas não carola. E, o que era mais importante: se você não tinha beleza, precisava ter graça. Uma boa família e muito dinheiro também eram uma exigência, mas essas coisas não podiam ser ensinadas; eram pré-requisitos. Eu, claro, não tinha família nem dinheiro, mas isso não impedia que Dona Aurora me incluísse nas lições da filha. Ela esperava que Graça e eu fôssemos distintas, mas por motivos diferentes: um dia Graça seria a patroa e eu (se tivesse sorte e inteligência) seria a governanta da casa dela.

Dona Aurora montava elaboradas festas de faz de conta para nós três, colocando tantos utensílios em volta dos pratos que ficávamos tontas e fazendo com que memorizássemos qual garfo era para peixe e qual era para ostras, qual taça era para xerez e qual cálice era para água. Em outros dias, nós três dávamos longos passeios juntas, longe da casa-grande. Para proteger a pele, Dona Aurora e Graça usavam grandes chapéus de palha que as faziam parecer cortadoras de cana. Durante essas caminhadas, Dona Aurora ensinava a Graça e a mim a contar em inglês: *one, two, three...* Depois nos ensinava palavras em inglês para todas as coisas que víamos nos passeios: *bird, sugar, man, tree, knife, donkey, cart, mill, smoke.*

Naqueles dias, as jovens damas respeitáveis precisavam aprender inglês britânico ou francês. Os brasileiros do círculo de Dona Aurora consideravam qualquer coisa europeia o ponto alto do bom gosto. No Recife, a capital, os ingleses administravam uma ferrovia, operavam enormes fábricas de tecidos e até tinham seu próprio country clube e seu cemitério particular. Em sua juventude Dona Aurora tinha estudado numa escola britânica e falava um inglês passável, ainda que um tanto dificultoso. Aquelas palavras inglesas que ela nos ensinava entraram

no meu cérebro e ficaram ali, presas, como se eu estivesse faminta e tivesse posto uma armadilha para elas. Mas escaparam facilmente da memória de Graça e, no fim das nossas caminhadas, ela e a mãe faziam beicinho e suspiravam frustradas.

Quando a patroa não estava se sentindo bem (o que era cada vez mais frequente à medida que o tempo foi passando), Graça e eu íamos ao seu quarto, onde ela ficava deitada e lia para nós contos de fadas de um livro que mantinha ao lado da cama. Logo Graça e eu começamos a representá-los. Eu era o lenhador, o príncipe, a bruxa, o sapo, o gigante. Graça era sempre a princesa. Às vezes Dona Aurora trançava o nosso cabelo e eu gostava de sentir seus dedos frios e pálidos na minha cabeça. Uma vez, depois de eu entregar sua bandeja de comida, ela pediu que eu escovasse seu cabelo ruivo e minhas mãos ficaram tão escorregadias que a escova caiu, assustando nós duas.

Os contos que Dona Aurora lia para nós e as histórias de sua infância que ela contava continham palavras que eu nunca tinha ouvido. Palavras grandes. Palavras com tantas sílabas que pareciam feitiços. *Petulante. Subjugado. Verdejante. Perambular.* Eu pedia, por favor, que Dona Aurora repetisse aquelas palavras novas e depois dissesse seu significado. Ela parecia feliz em me ajudar. À noite, na minha cama em frente da de Nena, em nosso quartinho minúsculo ao lado da cozinha, eu sussurrava as palavras que tinha aprendido naquele dia, de novo e de novo, como se também fizesse feitiços. Sabia que jamais poderia usá-las fora do quarto de Dona Aurora, por medo de Nena me dar um tapa e dizer que eu estava metida demais para o gosto dela, mas como eu as adorava! Adorava o som e acima de tudo a possibilidade que representavam: de que existia uma palavra para cada ideia e emoção que eu podia imaginar, não importando quão difícil ou estranha fosse. Queria recolher todas. Então, um dia, na frente de Graça, Dona Aurora me entregou um caderninho – que cabia dentro do bolso do meu avental – e um lápis.

– Para você se lembrar das nossas palavras, Das Dores – disse a patroa.

*Nossas palavras.* Elas pertenciam a nós duas.

Era um caderninho simples, com capa de pano. O lápis era um cotoco mal apontado. Mas eu os segurei com tanta força – com medo de serem arrancados de mim – que meus dedos doeram. Dizem que nenhum amor pode se comparar ao primeiro amor, e também acredito que nenhum presente pode se comparar ao primeiro presente que recebemos, não importa quão pequeno e insignificante ele seja aos olhos de quem o deu.

Fiquei de cabeça baixa e fechei os olhos, mas uma lágrima quente, enorme, escapou e escorreu pela bochecha. Dona Aurora fez “tsc tsc”. Ela encostou a mão

macia no meu rosto. Naquele momento, do modo bobo como as crianças fazem, desejei ter domínio sobre o tempo e fazê-lo parar completamente.

– Ai, que fastio – exclamou Graça rispidamente. – Neste quarto não tem ar.

A mão da patroa se afastou do meu rosto.

– Peça a Nena um pouco d’água e uma fatia de bolo – disse ela.

Acompanhei Graça, relutante, para fora do quarto e descemos a escada, mas ela não foi para a cozinha. Em vez disso saiu da casa-grande e foi para o rio.

Lá, nós tiramos os vestidos e entramos na água fria, mas nunca indo fundo demais, por medo de sermos levadas pela correnteza.

– Conte de novo sobre o fantasma – ordenou Graça.

Obedeci, contando a lenda da mulher afogada que atraía as pessoas para o rio com suas cantigas. Ela ouviu com atenção, depois balançou a cabeça.

– Ela não quer companhia – disse, olhando para a água turva ao redor. – Ela quer ser salva. Alguém colocou ela aqui, uma pessoa terrível, e ela quer ser salva, mas ninguém presta atenção.

– A história não é assim.

– É a história que eu quero.

– Você não pode fazer isso. Não pode mudar uma história só porque quer. Não é assim que funciona.

– É sim – gritou Graça, batendo na água. – Porque eu estou dizendo. Porque eu sou a patroinha, e não você, não importa quantas palavras idiotas você sabe! Você nem precisa de caderno. Nem sabe escrever!

Ela havia estudado antes de vir para o Riacho Doce. Eu, não. Mas não foi isso que me incomodou na explosão de Graça. Era a primeira vez que ela se chamava de “patroinha” na minha frente. Antes disso nós ríamos da palavra. Zombávamos dela, como se a patroinha fosse outra menina e nós corrêssemos para longe dela, para brincar sozinhas.

Tivemos nossa primeira briga ali, na água. Graça me empurrou. Eu a empurrei de volta. Nós nos engalfinhamos e empurramos, as mãos escorregando nos braços molhados. Puxamos cabelos e as camisolas encharcadas uma da outra. Quando voltamos para a praia, batendo os pés, estávamos chorando, com os braços vermelhos e o couro cabeludo dolorido. Lado a lado nos sentamos na terra vermelha da margem, recuperando o fôlego. Pus a cabeça entre os joelhos e cobri o pescoço com os braços, como fazia às vezes quando Nena batia em mim. Em geral, naqueles momentos com Nena, eu sentia uma determinação calma de esperar que ela terminasse, de que aquilo chegasse ao final. Tentei encontrar a mesma calma com Graça, sentada na margem do rio, mas, em vez disso, senti

uma solidão sem tamanho. Ela havia se chamado de patroinha e eu vi a futilidade da nossa amizade.

O sol estava forte; eu sentia o calor nos ombros. Então houve outro tipo de calor no meu lado esquerdo. Graça chegou perto de mim, com a perna encostada na minha perna, o quadril encostado no meu quadril.

– Eu também não sei escrever – disse ela. – Tive uma professora no Recife, mas não adiantou. Sou burra feito uma porta.

Levantei a cabeça. Graça estava me olhando com os olhos estreitos, as bochechas e o nariz vermelhos demais.

– Seu rosto está queimado – falei. – Agora nunca vai casar.

Graça sorriu. Cruzou os dedos nos meus e nós apertamos com força as mãos suadas. Depois nos reclinamos para trás, fechamos os olhos e ficamos sentadas ao sol, juntas.



O caderninho que Dona Aurora me deu continuou no meu bolso, suas páginas vazias. Graça e eu não brigamos de novo, mas nossas visitas ao quarto da mãe dela não eram mais a mesma coisa. Graça se remexia e suspirava, olhava pela janela, brincava com o vestido e com as fivelas dos sapatos. Depois de algumas semanas, anunciou que as histórias de Dona Aurora eram chatas, que sua mania de trançar nossos cabelos era irritante e que o quarto dela cheirava a naftalina. Um dia, depois de uma manhã saracoteando pelo Riacho Doce, em vez de voltar para ver a mãe na casa-grande, como sempre fazíamos, Graça insistiu que visitássemos o engenho.

Com sua chaminé que subia 30 metros acima dos canaviais, o engenho propriamente dito era a maior construção do Riacho Doce e, para mim, era a mais alta do mundo. Só saía fumaça daquela estreita torre de tijolos nas semanas depois da colheita. Ninguém da casa-grande tinha permissão de chegar perto do engenho quando era época de fazer açúcar, e nenhum de nós reclamava dessa regra. Nas semanas depois da colheita, o engenho funcionava dia e noite, transformando cana em açúcar. Até lá da casa-grande dava para ouvir o gemido das engrenagens, os estalos da lenha estourando nos fogos enormes e as cantigas dos homens que trabalhavam em turnos de quatro horas porque o calor era insuportável. Eles remexiam nos tachos de cobre cheios de açúcar líquido que vomitavam uma espuma mais quente do que o fogo. Às vezes havia gritos. Então um grupo de homens, molhados de suor e com os olhos arregalados de pânico, aparecia à porta da cozinha segurando um colega e gritando por Nena. Ela conseguia tra-

tar algumas queimaduras com suas ervas e seus cataplasmas. Outras exigiam a atenção de um médico ou de um coveiro. Um pobre coitado morreu ali mesmo, na cozinha, na nossa frente, a pele esturricada e seca como uma palha de milho colocada no fogo.

No dia em que Graça e eu fomos ao engenho, a cana do Riacho Doce crescia alta nas colinas ao redor. A gigantesca roda estava silenciosa e os tachos vazios, o cobre com um tom esverdeado desbotado. Graça passou pelas ferramentas gastas e pelas máquinas de aparência antiga como um cachorro seguindo um cheiro, desinteressada de qualquer engenhoca humana ao redor. Chegando à porta do escritório, não se deu ao trabalho de bater. Eu cogitei a possibilidade de sair correndo: invadir o engenho vazio era uma coisa, mas incomodar Seu Pimentel em seu escritório era outra bem diferente. Não havia tempo para eu sumir. Graça entrou no escritório e eu fechei os olhos, preparada para ouvir os gritos do Seu Pimentel. Em vez disso houve uma gargalhada. Ele abriu os braços e pegou Graça no colo.

– A que devo essa honra? – perguntou à filha.

As mangas da sua camisa estavam enroladas, expondo os antebraços musculosos.

Graça regalou o pai com histórias sobre a nossa manhã: que tínhamos corrido no pomar, subido em árvores, chupado carambolas até ficar com os lábios enrugados. Nenhum dos dois reconheceu minha presença junto à porta. Mas depois de uns poucos minutos o sorriso de Seu Pimentel se esvaiu e ele afastou os joelhos. Graça desceu de seu colo.

– Hora de ir – disse ele. – Meninhas podem brincar o dia todo. Os homens precisam trabalhar.

Graça franziu a testa.

– Mas eu não contei a melhor parte! Nós vimos um peixe vermelho, brilhante, pular para fora do rio, no ar!

Seu Pimentel levantou as sobrancelhas.

– Nós vimos, não vimos? – perguntou Graça, olhando para mim.

Seu Pimentel olhou na minha direção. Não sorriu nem acenou com a cabeça, não disse “olá” nem mandou que eu entrasse. Mesmo assim, manteve os olhos fixos em mim, reconhecendo, pela primeira vez, minha mera existência.

– Conte, Jega – disse ele. – É verdade o que a patroinha está dizendo?

O que é a verdade? Uma pessoa pode ser completamente sincera na crença do que viu e de quando viu. Mas outra, ao ver a mesma coisa, tem uma percepção diferente. Um peixe vermelho se torna roxo ao pôr do sol, preto à noite. Uma formiga diria que o rio do Riacho Doce era um oceano. Um gigante diria que era

um fio d'água. O que vemos no mundo depende muito de quem somos e do momento em que estamos. Histórias como essas podem ser dádivas, como migalhas de pão que nos guiam para fora de uma floresta escura, ou podem ser distrações terríveis, levando mais fundo para dentro de um labirinto do qual nunca podemos escapar.

Graça e eu não tínhamos chegado nem perto do rio naquela manhã, mas isso não importava. Ela me encarou, os olhos implorando. Seu Pimentel também me encarou, o maxilar rígido, sem desviar os olhos.

– É – respondi. – A gente viu.

Seu Pimentel assentiu com a cabeça. Graça sorriu e se virou para o pai. Eu, outra vez, fiquei esquecida.

– Aposto que ele pulou da água para ver seu rosto lindo – disse Seu Pimentel, beijando a testa de Graça. – Os pretendentes vão fazer fila para beijar esse rosto! E você vai se casar com o mais rico de todos. Rico o bastante para comprar todos os engenhos, daqui até a Paraíba!

Depois dessa ocasião, íamos todos os dias ao escritório do engenho. Todo dia Graça recebia afagos e era beijada por uns poucos minutos até que Seu Pimentel se cansava e tentava tirá-la do colo. Graça se agarrava ao pescoço dele, para ficar. Contava histórias cada vez mais exageradas. Contanto que o distraísse, ficaria em seu abraço.

– A gente viu um gavião de duas cabeças! – dizia. Ou: – Tinha um fantasma no rio!

Depois dessas histórias Seu Pimentel balançava a cabeça e, inevitavelmente, me olhava. Ele e Graça esperavam minha confirmação obediente. Não importava quanto a história fosse ridícula, eu sempre concordava. Continuamos com essas visitas terríveis por meses a fio. Desde que eu jamais contradissesse a patroinha, tinha permissão de ficar. Mas Seu Pimentel sempre empurrava Graça do colo e a mandava embora, declarando que estava ocupado demais.

– Eu posso ajudar o senhor, papai – dizia Graça, apontando para os papéis na mesa dele. – Posso separar as coisas. Posso carimbar esses papéis ou encher seu tinteiro.

Seu Pimentel balançava a cabeça.

– Você iria fazer uma bagunça, querida. Vá dizer à sua mãe para lhe dar um irmãozinho. Ele pode me ajudar e você pode ajudar a cuidar dele.

Desde então comecei a desprezar Seu Pimentel, não por me fazer mentir, mas por aceitar as atenções de Graça e jogá-las fora. Mesmo assim Graça persistia nas visitas. Nas semanas antes da colheita de cana, as contas se empilhavam alto na

mesa dele e os trabalhadores começaram a encher o engenho. Um dia Seu Pimentel gritou com Graça assim que ela abriu a porta do escritório, mandando que ela fosse embora, dizendo que ela era uma chateação inútil.

Corremos para o rio. Ali, na margem, Graça engoliu os soluços e declarou que nunca, jamais, colocaríamos os pés no engenho de novo.

Fiquei feliz: ela tinha dito “nós”.



Depois de um ano deixando Graça à solta comigo, Dona Aurora contratou uma professora particular. A mulher era uma viúva que só usava vestidos pretos e sapatos de solado grosso. Graça e eu a apelidamos de Bruxa, apesar de ela não se parecer com as feiticeiras dos livros de contos de fadas de Dona Aurora, com seus narizes verrugentos e dedos nodosos. Quando era criança, eu achava que ela era velhíssima, mas agora percebo que deveria ter 30 e poucos anos, com o cabelo escuro preso num coque apertado e olhos tão grandes e castanhos que pareciam de cavalo. Podia até ser bonita, se não tivesse a maldade de uma bruxa.

Quando Graça descobriu que eu não estava incluída nas aulas, gritou, chorou, jogou um conjunto de anjos de louça no chão e os transformou em caquinhos com as solas das botas.

Rapidamente me tornei a segunda aluna nas aulas da Bruxa.

Ganhei sete vestidos novos (um para cada dia da semana) e era tirada do serviço durante as aulas, mas a Bruxa nunca me deixou esquecer que eu vinha da cozinha. Eu não tinha permissão de falar nas aulas. Durante os lanches no meio da manhã, eu olhava enquanto Graça e a Bruxa tomavam café e comiam biscoitos, mas nunca tinha permissão de comer também. E se tivesse uma dúvida, precisava sussurrar para Graça, que depois perguntava à Bruxa.

A professora ocupava um quarto de hóspedes, pequeno e abafado, na casa-grande. Não tinha permissão de jantar com Graça e a família, mas podia fazer as refeições em seu quarto, entregues numa bandeja. Isso a diferenciava dos outros empregados, e qualquer variação na hierarquia do Riacho Doce era recebida com desconfiança. As lavadeiras precisavam lavar e passar as roupas da Bruxa, e frequentemente colocavam goma demais nos vestidos pretos da professora e riam de suas combinações encardidas e das calcinhas velhas. As ajudantes de cozinha que entregavam suas bandejas de comida tentavam puxar conversa com a Bruxa, mas não conseguiam, e rapidamente proclamaram que ela era “metida a besta”. Havia boatos, na maioria maldosos, do motivo por que a Bruxa só usava vestidos e sapatos pretos: estava de luto pelo marido, que tinha pulado de uma ponte para

fugir dela; tinha envenenado toda a família e se livrado da cadeia, então seguia vestindo preto como uma espécie de penitência. Nena me alertou para nunca comer nada oferecido pela Bruxa, como se a professora sequer reconhecesse minha existência. Mas eu estava satisfeita em suportar o desprezo da Bruxa se isso significava que eu podia frequentar as aulas. Ao contrário de Graça, eu gostava de aprender a contar, escrever e falar bem português e inglês. Gostava de como cada letra do alfabeto tinha sons que, quando unidos a outros, se transformavam em palavras. E de como as palavras inglesas eram curtas e objetivas, ao passo que o português tinha mais melodia, com palavras de sete e até oito sílabas.

Eu tinha facilidade em matemática e comecei a ajudar a Nena registrando o estoque da despensa – contando vidros de geleia, garrafas de azeite de dendê, as centenas de cebolas, cenouras e outros legumes e verduras. Eu contava todas as manhãs e todas as noites, e desse modo sabíamos se precisávamos pedir mais mantimentos e, mais importante, se algum tinha sido surrupiado durante o dia pelas empregadas. Contanto que as coisas que eu aprendia fossem aplicadas a alguma questão prática – inventariar mantimentos, ler os rótulos dos óleos perfumados chiques que Dona Aurora trazia do Recife, somar a conta do açougueiro para ver se ele estava nos enganando –, isso era aceito, até mesmo elogiado. A cada vez que eu verificava uma conta ou questionava um mascate por cobrar demais, o peito de Nena estufava e ela dava um tapinha nas minhas costas com sua mão enorme, quase me fazendo cair para a frente.

– Não dá para enganar esta daqui – dizia Nena, sorrindo, enquanto as ajudantes de cozinha ficavam olhando, boquiabertas, como se eu tivesse acabado de ser nomeada presidente da república.

Sempre que amassava o pão eu escrevia na camada de farinha que cobria a mesa: *Maria das Dores*. Moldava as sobras de massa formando emes e dês. A cada vez que fazia geleia e o caldo engrossava, escrevia meu nome verdadeiro repetidamente no doce, com a colher. Uma vez, no pomar, peguei uma pedra e gravei meu nome no tronco de um limoeiro. Quando Nena descobriu, arrancou um galho da mesma árvore e me deu uma surra com ele, mas não me importei. Durante meses depois disso, a cada vez que passava por aquela árvore eu me via ali. Eu não era Jega, a filha da puta, a ajudante de cozinha que viveria e morreria esquecida no engenho Riacho Doce. Era Maria das Dores, uma menina que deixaria sua marca no mundo. Uma menina que seria lembrada.

Comecei a copiar palavras de muitas sílabas no meu caderninho. Algumas terminavam com um som parecido: *consumar, negar, apaixonar, consagrar, inovar, ondular*. Eu já sabia sobre rimas, claro. Tinha ouvido as empregadas cantando

cantigas de amor com versos simples, rimados. E é um instinto humano tentar combinar coisas, encontrar semelhanças onde pode não haver nenhuma. Mas aquelas rimas pareciam algo diferente para mim; eu estava entendendo a música escondida nas palavras antes de realmente entender a música em si.

Depois de um ano de lições, eu era capaz de ler trechos inteiros dos livros da Bruxa melhor do que Graça. Durante as aulas, ela me olhava pedindo ajuda com as lições e eu sussurrava as respostas. Então eu a via ser elogiada pela minha inteligência.



Numa tarde Dona Aurora saiu da cama, pegou Graça e a mim no quarto de brinquedos e nos escoltou pelo gramado da casa-grande até o engenho, onde ficava o escritório do Seu Pimentel. Para a ocasião, Dona Aurora usava um vestido e pérolas, o cabelo preso, e o esforço de se fazer apresentável, junto com a caminhada pelo gramado, minou suas forças; no minuto em que Seu Pimentel abriu a porta do escritório ela se deixou cair numa cadeira.

Seu Pimentel a cumprimentou secamente. Ele usava uma gravata que, bem no centro, estava presa com um cubo de açúcar de ouro incrustado com diamantes. Era novo, um presente dado a si mesmo, imagino, para fazer com que ele se sentisse um verdadeiro barão do açúcar apesar dos prejuízos constantes do engenho. Seu Pimentel falou de novo com a esposa, mas eu não registrei o que era dito. Fiquei olhando o alfinete de gravata brilhar a cada subida e descida de seu peito.

O que um diamante significava para mim, naquela época? Se alguém tivesse me perguntado o que era um diamante, eu não saberia dizer. Mas ver aquele cubo com suas centenas de pedrinhas reluzentes, brancas como açúcar de verdade porém mais brilhantes, mais lindas, me deu vontade de estender a mão para o peito enorme do Seu Pimentel e arrancá-lo, colocá-lo na boca e ver se era doce, se iria se desmanchar na minha língua. Felizmente, antes que eu pudesse agir impelida por esse desejo, Dona Aurora falou:

– Vou levar as meninas a um concerto. No Recife.

– As meninas? – perguntou Seu Pimentel.

Dona Aurora suspirou.

– Você não pode esperar que eu entretenha Graça durante toda a viagem até o Recife e de volta, não é? Ela e Das Dores vão brincando.

– A Jega?

– Apelidos são coisa vulgar, Miguel – respondeu Dona Aurora.

O sorriso de Seu Pimentel desapareceu.

– Que tipo de concerto?

– Do tipo que tem música. Música de verdade, e não os lundus que as criadas cantam.

– Você vai conseguir viajar?

Dona Aurora se empertigou na cadeira.

– Claro. Graça precisa ser exposta à arte.

– Então mande a professora mostrar alguns livros a ela ou faça com que ela desenhe umas flores num vaso. Que utilidade tem um concerto?

– Nem tudo precisa ser útil – disse a senhora.

– Precisa, se eu estiver pagando – retrucou Seu Pimentel.

Sua esposa estremeceu. As pessoas do círculo deles, não importava quão endividadas estivessem, jamais falavam de dinheiro. Mas o dinheiro era originalmente dela, e não dele, motivo pelo qual, acho, o senhor suavizou subitamente a voz.

– Ela está crescendo com ar puro e comida saudável, sem nenhuma distração da cidade – disse ele. – É pura como um botão de flor. É isso que importa para o marido, e não todas aquelas coisas que as garotas supostamente sofisticadas têm. Ela é nossa florzinha.

Seu Pimentel segurou o rosto de Graça, que fechou os olhos, como se fosse desmaiar.

– Aqui ela vai virar uma selvagem, se não tivermos cuidado. Qualquer marido digno vai levá-la para uma cidade, e ela vai ser motivo de chacota, alguém que não sabe diferenciar uma sinfonia de uma cantiga. Vão chamá-la de matuta pelas costas.

Arte, para mim, era o escuro quadro a óleo pendurado na sala da casa-grande. Era estranho Dona Aurora achar que as meninas precisavam de uma coisa assim. Era mais estranho ainda Seu Pimentel finalmente concordar com ela.

Foi assim que, aos 12 anos, saí do Riacho Doce pela primeira vez e me vi no Recife, na capital. Ficamos na antiga casa da família Pimentel. Eles tinham deixado o lugar fechado e os móveis cobertos por panos, com apenas uma empregada para cuidar de tudo. No dia do concerto ela tirou desajeitadamente das malas nossos vestidos formais. Dona Aurora tinha mandado fazer uma roupa chique para mim: um vestido simples, de seda azul, que era bem singelo comparado com a criação cheia de camadas e babados que Seu Pimentel havia comprado para Graça, como um presente surpresa. Apesar da simplicidade da minha roupa, eu nunca tinha usado nada tão fino e fiquei petrificada, com medo de amarrotar ou manchar o vestido antes de chegarmos ao teatro.

Uma famosa cantora de fado, vinda de Portugal, estava em turnê pelo Brasil e havia parado no Recife para cantar no Teatro Santa Isabel. Até aquela noite eu

acreditava que o engenho do Riacho Doce era a maior construção da terra. O Santa Isabel fazia o engenho parecer pequeno e decrépito como uma palhoça de cortador de cana. Andando pelo saguão apinhado do teatro, com suas escadarias largas como estradas, fiquei tonta e com medo. Como uma estrutura daquelas podia permanecer de pé? Como o teto podia sustentar lustres tão gigantesco? Meu coração batia rápido como o de um passarinho. Sem dúvida as paredes do teatro iriam ceder e desmoronar a qualquer momento, sob o peso de tanto vidro e tanta pedra, pensei. Segurei a mão enluvada de Graça e a soltei apenas quando encontramos nossos lugares.

Eu não era uma completa ignorante: já tinha ouvido cantigas e instrumentos musicais no Riacho Doce. Uma vez por ano, no dia de São João, Seu Pimentel permitia que fizessem uma fogueira e pedia que os trabalhadores tocassem músicas em acordeões ofegantes. E toda noite havia o som de tambores e vozes longínquas vindas das palhoças dos cortadores de cana. Lá eles faziam rodas, mas ninguém da casa-grande tinha permissão de confraternizar com os cortadores, quanto mais ir no meio da noite ouvi-los cantar. Em algumas noites eu acordava com o som dos tambores e acreditava que eram as batidas do meu coração.

As luzes do teatro diminuíram. Houve aplausos. Uma mulher entrou bamboleando no palco, levantando a saia pesada do vestido de noite para não tropeçar na bainha. Seus tornozelos eram grossos como minhas coxas. Os sapatos pequeninos, de salto alto, pareciam a ponto de se partir sob seu peso. Um violonista solitário a acompanhava. Assim que os aplausos terminaram, ele tocou as primeiras notas. A voz da cantora ressoou como um sino – aguda, poderosa, alarmante – por todo o teatro.

“No fim da minha rua  
o oceano bate,  
o oceano bate.  
Sobre ele há um pedaço de lua,  
uma fatia do meu destino.”

Fechei os olhos. Vi um oceano escuro como os canaviais à noite. Vi estrelas brilhando mais do que os diamantes no alfinete de cubo de açúcar do Seu Pimentel. A cantora continuou.

“Onde está o meu destino?  
Onde está o meu lar?”

Nunca terei um lugar neste mundo?  
Sozinha vou sempre estar?”

Senti como se a mão de alguém tivesse agarrado meu coração. A cada nota emitida pela cantora, a mão apertava com mais força.

– Meu Deus! – sussurrou Dona Aurora. – Vamos limpar você.

Ela tirou um lenço de sua bolsinha de contas e o colocou nas minhas mãos. Quando não enxuguei o rosto molhado nem o ranho que me escorria pelo queixo, Dona Aurora pegou o lenço e me limpou. Foi delicada, mas eu a odiei por me distrair da cantora. Odiei Graça por se remexer na poltrona. Odiei o homem atrás de nós, que tossiu. Odiei minha vida até aquele ponto: pensar em todas aquelas noites que eu tinha desperdiçado descascando batatas ou ouvindo as fofocas das empregadas quando alguém, em algum lugar, estava cantando músicas assim! Por que não tinha ouvido essa música antes? E quando ouviria de novo? Minhas entranhas pareciam muito pesadas, como se eu tivesse bebido uma jarra de concreto que estivesse endurecendo dentro de mim.

Com o tempo aprendi a identificar esse sentimento como pesar. Mas na época eu tinha 12 anos e acreditei que estava com uma doença mortal. A música havia provocado a doença, mas também era a única cura. Sentada na beira daquela poltrona de veludo vermelho, achei que meu estado era grave: eu morreria assim que o concerto terminasse, assim que a música parasse.

Para minha surpresa, sobrevivi. No fim da apresentação Dona Aurora nos conduziu pela multidão até o carro alugado. Ali tirou as luvas e pôs a mão fria na minha testa.

– Ela não está doente – disse Graça.

Dona Aurora balançou a cabeça.

– Eu deveria saber que a cidade seria demais para ela, coitadinha.

– São as músicas, mãe – reagiu Graça rispidamente. – As músicas ainda estão dentro dela.

Dona Aurora olhou para a filha como se Graça tivesse falado numa língua estranha. Mas as palavras dela – sua compreensão total de como eu me sentia – fizeram meus olhos se encherem de lágrimas outra vez. Envergonhada, cobri o rosto com as mãos.

– Ela está tendo um ataque nervoso – disse Dona Aurora. – Se precisar vomitar, não faça isso no automóvel.

Durante o trajeto de volta à casa da família, Dona Aurora fechou os olhos, sinal de que a ida ao teatro a havia exaurido e ela não prestaria mais atenção em

mim. Graça se espremeu ao meu lado. Alisou o meu cabelo. Minha cabeça caiu no seu colo. Suas mãos eram macias, o vestido escorregadio sob meu rosto. Minha orelha se encaixou perfeitamente no espaço entre as pernas dela. Caí no sono ouvindo o farfalhar de seu vestido embaixo de mim.

Naquela noite Graça insistiu que eu dormisse no seu quarto, e não na área dos empregados, atrás da cozinha. Assim que Dona Aurora nos deu boa-noite, Graça saiu de sua cama e veio para o meu colchãozinho no chão. Ela usava uma echarpe em volta do cabelo, para não desfazer os cachos. Seu braço pareceu muito quente, encostado no meu.

– Vou cantar num palco igual àquele – disse Graça. – Vou fazer as pessoas engolirem minhas músicas e ficarem com elas dentro. Vou ser conhecida. Vou ser vista.

– Eu também – falei, já me preparando para a zombaria de Graça, para ela me dizer que eu nunca poderia fazer algo assim.

– Precisamos arranjar um fonógrafo – disse ela.

– Um o quê?

– Uma máquina que toca discos. Vou pedir um à mamãe. Ela me dá tudo o que eu quero.

– Certo – falei, como se entendesse os planos de Graça.

Eu nunca tinha visto um disco, quanto mais ouvido um, mas fiquei empolgada, apesar da minha ignorância.

Naquela noite mal consegui dormir. Mesmo naquela época eu sabia que existem poucas certezas nessa vida: um ato pode ter uma dezena de interpretações, uma palavra pode ter uma dezena de significados dependendo de como é dita. Tudo pode ser questionado, separado, escrutinado, até nossos sentimentos. Então como é milagroso ouvir uma coisa e saber, sem qualquer dúvida, que é uma coisa linda.

Tive mais sorte do que a maioria dos órfãos bastardos: não fui jogada no canavial para morrer; tive Nena como professora e protetora; tinha me tornado a favorita da patroinha e recebido instrução. Mas se os ventos mudassem e Graça ficasse farta de mim, ou se os Pimentel se cansassem de me alimentar e me vestir, ou se eu cometesse um erro que provocasse uma desaprovação, perderia qualquer sorte que tivesse. Nada na minha vida era garantido, e nada era só meu. Assim, foi incrível que, apesar da precariedade da minha existência, apesar da dureza e da violência que sempre ameaçaram me sufocar, existisse essa beleza, essa graça, que havia me encontrado através da música, e que ninguém podia tirar de mim. Esse foi o presente que a música deu a Graça e a mim naquela noite e em todas as

noites que vieram depois: tínhamos uma coisa nossa para amarmos de verdade, e tínhamos uma à outra para compartilhar isso.



A saúde de Dona Aurora piorou depois da nossa viagem ao Recife. Ela ficava na cama, como antes, mas não tinha energia para trançar nossos cabelos nem contar histórias. O sininho de ouro, que ela mantinha ao lado da cama e tocava constantemente para chamar as criadas e ordenar que lhe levassem água, um livro novo, o almoço numa bandeja, permanecia em silêncio. Era pesado demais, ela dizia. Um médico veio, entrou no quarto e trancou a porta. Quando saiu, Graça partiu para a ação, entrando no quarto da mãe antes que uma empregada ou seu pai pudessem impedi-la.

Dentro, Graça segurou os dedos da mãe com tanta força que eu vi Dona Aurora se encolher.

– Preciso daquele fonógrafo – disse ela, como se tivesse feito o pedido muitas vezes.

Dona Aurora sorriu.

Uma semana depois a máquina chegou ao Riacho Doce. Foi posta num armário alto de madeira na sala da casa-grande. Uma caixa de discos veio junto. Graça e eu tiramos todos eles da capa de papel e os colocamos, um a um, no prato do fonógrafo. Naquele primeiro dia ouvimos a Sonata ao Luar, Enrico Caruso, Heitor Villa-Lobos e outros. Colocamos aqueles primeiros discos para tocar tanto que Seu Pimentel reclamou do barulho. Mas ele não podia nos afastar daquele fado lamentoso, da voz profunda e obstinada de Caruso ou dos concertos de violão, em que o som das cordas parecia cortante como a mordida numa carambola madura.

Todos temos as mesmas partes básicas no corpo: lábios, dentes, língua, palato, tudo levando a uma série de músculos pequenos na garganta, cobertos com um muco que tem a mesma consistência de gelatina de hospital. Nós respiramos, o ar bate nas dobras minúsculas desses músculos, eles vibram e produzem som. Se tivermos sorte, podem produzir música. É mais complicado do que isso, claro; todos podemos ter as mesmas partes do corpo, a mesma capacidade de fazer som, mas nem toda voz é igual.

Para Graça, cantar era natural como respirar. Para mim, era como tentar levantar um saco de açúcar de 30 quilos acima da cabeça: algo que eu certamente poderia fazer, com o tempo, mas não sem muito treino e esforço. Isso não me desanimou. Meu cérebro de 12 anos não considerava o fato do talento bruto, de ter um dom natural, de as cordas vocais de Graça serem de algum modo mais

bem-feitas do que as minhas. Em vez disso parecia natural que eu precisasse me esforçar para cantar e Graça não: afinal de contas ela era uma patroinha, e as patroinhas não se esforçavam para nada. Eu, por outro lado, tinha sido criada acreditando que qualquer coisa que valesse a pena vinha com o esforço.

Todo dia, depois das aulas intermináveis com a Bruxa, corríamos para a sala e discutíamos sobre qual disco colocar no prato. Numa tarde, Graça e eu ficamos imóveis junto à porta da sala. Dona Aurora estava sentada numa poltrona com almofadas, ao lado do fonógrafo, um cobertor sobre os ombros, o cabelo ruivo recém-lavado e preso numa trança grossa.

– Eu costumo pedir a Tita para deixar minha porta aberta, para ouvir vocês – disse Dona Aurora. – Mas hoje eu queria ver.

Graça e eu arrastamos os pés até o fonógrafo. Não parecia adequado discutir na frente da patroa, por isso deixei Graça escolher o primeiro disco. Ela pegou o Caruso – o mais difícil de cantar –, claro. Quando estávamos sozinhas, eu costumava fechar os olhos enquanto cantava, mas Graça gostava de saltar, rodopiar e abrir os braços para o céu. Às vezes eu copiava seus gestos e nós caíamos na gargalhada ao fim da música. Naquele dia, com Dona Aurora olhando, ficamos ombro a ombro, como fazíamos no início das aulas da Bruxa para ela inspecionar nossas orelhas e embaixo das unhas, procurando sujeira. Atrás de nós o disco começou a girar. Lá estava Caruso, em disparada, vencendo as notas de “Nessun dorma”. A princípio Graça e eu cantamos aos sussurros, mas então chegou nossa parte predileta da música – quando a voz de Caruso começa a implorar, mas não de um modo fraco. É como se estivesse gritando para as estrelas, pedindo ao mundo a ajuda que ele merece. Eu não sabia italiano, nem Graça; a letra da música não fazia sentido para nós. Apenas décadas depois descobri o que Graça e eu tentávamos cantar todo dia na sala da casa-grande:

“Mas meu mistério está trancado dentro de mim.

Meu nome ninguém saberá!

Não, não, eu o direi em tua boca,  
quando a luz resplandecer!

E meu beijo derreterá o silêncio  
que te faz ser minha.”

Fechei os olhos e segurei com força a mão de Graça enquanto minha voz tentava desesperadamente acompanhar a dela. Então a música terminou, o disco girando em silêncio, e Dona Aurora bateu palmas. Abri os olhos.

– Bravo! – exclamou ela.

Um calor foi do meu peito para o pescoço e chegou às minhas orelhas, que pulsavam e ardiam.

– Agora vocês devem fazer uma reverência – disse Dona Aurora. – É assim que se demonstra à plateia que estão agradecidas. Afinal de contas, estão servindo a ela.

Olhei para Graça em busca de orientação. Ela deu de ombros. Dona Aurora se levantou e o cobertor escorregou dos seus ombros. Ela segurou o roupão de seda, pôs um pé na frente do outro e se curvou, baixando a cabeça. Seu cabelo caiu por cima do ombro, parecendo uma corda vermelha com uma fita na ponta. Então Dona Aurora se empertigou e se deixou cair de novo na poltrona.

Depois desse dia, nós sempre encontrávamos Dona Aurora esperando na sala, pronta para escutar. Foi nossa primeira plateia, e a melhor de todas.



Quando somos jovens, nos entregamos completamente. Permitimos que nossos primeiros amigos, os primeiros amantes e as primeiras canções entrem e se tornem parte de nosso ser não formado, sem sequer pensar nas consequências ou em sua permanência dentro de nós. Esta é uma das belezas da juventude e um de seus fardos.

Poucos meses depois da nossa primeira apresentação para Dona Aurora, chegou um médico do Recife. Seu automóvel passou rapidamente pelo portão da casa-grande e parou derrapando diante da porta da frente, onde Seu Pimentel esperava. Na cozinha houve gritos, agitação, preces. Nena, com o rosto suado como argila esmaltada, despejava água fervente em panelas que as criadas levavam para cima.

– Jega! – gritou Nena ao me ver. – Limpe essas remelas da cara e vá ajudar sua patroa.

– O que aconteceu com ela? – perguntei.

– O neném está tentando chegar antes da hora.

– Neném?

Nena balançou a cabeça. O suor pingava em seu avental.

– Ela não deveria ter levado vocês duas à cidade. Aquelas estradas cheias de buraco. E depois descer todo dia para ouvir a música daquela máquina do Diabo! Bom, agora...

Nena enxugou o rosto e ordenou que eu fosse à lavanderia, pegar panos limpos, e os levasse para cima. Obedeci, mas só conseguia pensar numa coisa: *Tem*

*um neném dentro dela.* Eu sabia que essas coisas aconteciam; para uma criança do campo, o sexo é tão comum quanto o sol nascendo e se pondo. Eu tinha visto o Velho Euclides cruzando seus jumentos. Os rapazes do estábulo transformavam em esporte, apostando quantas vezes a fêmea ia recusar o jumento até ele conseguir o que queria. Eu tinha visto bodes se mijando todos antes de montar numa cabra e galos brigando até tirar sangue pela chance de pegar uma galinha. Mas a ideia de Seu Pimentel – bronzeado, musculoso e de lábios finos – fazendo esse tipo de coisa com Dona Aurora era repreensível para mim. Não era de espantar que ela estivesse morrendo.

Dona Aurora lutou com o bebê durante muitas horas. Ela era teimosa, como Graça. Às vezes o médico do Recife saía do quarto e ficava no corredor fumando ou tomando às pressas uma caneca de café. A cada vez que aparecia, ele estava diferente: primeiro seu paletó sumiu, depois o colete, em seguida os botões da camisa estavam abertos, depois as mangas enroladas até acima dos cotovelos. Seu Pimentel andava de um lado para o outro no corredor e fumava. A cada vez que o médico aparecia, ele corria até o sujeito e perguntava:

– É um menino?

Graça e eu nos escondemos no fim do corredor, espremidas embaixo de um aparador.

– O médico ainda não foi embora – sussurrei. – O que ele está fazendo com ela?

– O neném está matando ela – disse Graça. – Eu queria poder matar ele.

– Você sabia do neném?

– Você não sabia?

Sem trocarmos uma palavra, saímos de fininho da casa-grande, passando pelo pomar, onde levei Graça até o galinheiro. Dentro, tirei ovos de baixo da barriga quente das galinhas, como tinha feito centenas de vezes para Nena. Dessa vez, assim que estávamos fora do galinheiro, entreguei a Graça o cesto cheio.

Arremessamos a maioria deles contra uma árvore. Outros nós pisamos. Alguns Graça jogou no chão com tanta força que pedaços de casca e gema espirraram no meu queixo. Quando não havia mais ovos, Graça jogou o cesto contra a parede do galinheiro e nós nos sentamos embaixo de uma árvore no pomar, com medo demais de voltar para dentro.

O neném era um menino, fato que Seu Pimentel lamentou com as criadas e o pessoal da cozinha e, mais tarde, com o punhado de parentes que viajaram do Recife para os enterros. Dona Aurora e o irmão não nascido de Graça foram enterrados no mausoléu da capela do Riacho Doce, a apenas 50 metros da ca-

sa-grande, mas era uma distância que eu não tinha permissão de atravessar. Os empregados não compareciam aos enterros.

Numa entrevista muitos anos depois, quando um repórter perguntou a Sofia Salvador qual tinha sido o momento mais triste da vida dela até então, ela disse, sem hesitar e para minha grande surpresa:

– Perder minha mãe quando eu era criança. Ficar sem mãe é um sofrimento que eu não desejaria para o meu pior inimigo.

*Sometimes I feel like a motherless child* – às vezes me sinto como uma criança sem mãe. Uma vez assisti a T-Bone Walker cantando esse *spiritual* numa boatezinha vagabunda em Los Angeles, com o piso inclinado e notas de dólar amareladas presas nas paredes. Fiquei lá no escuro, junto ao balcão, e o ouvi cantar o mesmo verso repetidamente. A princípio não entendi seu lamento e fiquei incomodada. Todos nós não acabamos ficando sem mãe? O objetivo não é que os filhos sobrevivam aos pais? Mas a força da canção está em uma palavra: *Sometimes*. Às vezes. Como se esse sentimento fosse difícil demais para suportar o tempo todo. Como se houvesse outros momentos, momentos mais esperançosos, não importa quão breves, em que o cantor se lembra do conforto indiscutível de ser amado completamente.

Ao ouvir T-Bone percebi que a música dele não era sobre perder o amor da mãe, e sim o sentimento de jamais tê-lo experimentado. Se a paixão está profundamente ligada à incerteza, o amor de mãe é o oposto: jamais hesita, jamais depende do desempenho, jamais exige uma quantidade igual de amor em troca. Você tem o luxo de não dar importância ao amor de mãe, sabendo que seu desprezo ou sua indiferença jamais farão com que ele desapareça. Mas existem alguns de nós que não podem esquecer, que nunca tiveram o doce alívio do “às vezes”. Minha mãe era um rumor, uma sombra, uma fofoca indecente, um modo de os outros me insultarem. Assim, mesmo entendendo o sofrimento de Graça pela perda de Dona Aurora, havia em sua tristeza algo que me deixava com uma raiva amarga. Graça tinha experimentado doze anos de um amor que a sustentou – ela sabia como era respirar aquele ar doce, e portanto podia levá-lo consigo pelo resto dos seus dias. Dona Aurora não era minha mãe e eu nunca, nem por um segundo, fingi que fosse. Mas ela havia sido boa para mim quando as outras pessoas não foram. Suas gentilezas eram pequenas – caprichos que alguém concede a um serviçal favorecido –, mas eram gentilezas mesmo assim. Então eu também sofri por ela, do meu jeito.

Durante o velório, Nena mandou que eu saísse da cozinha, onde ela e as ajudantes estavam preparando a ceia pós-enterro, e fosse catar limões no pomar.

Era uma tarefa fácil, que eu podia terminar em minutos. Deixei o cesto cheio na cozinha e fui nas pontas dos pés até a sala, onde a poltrona da patroa estava vazia. Tirei um disco de dentro da capa. Passei os dedos nos sulcos, depois enfiei um no buraco do centro. Como queria ouvir aquela música! Como queria colocar a agulha naquele disco e aumentar o volume do fonógrafo ao máximo, até que a casa tremesse com as vibrações! Até que as pessoas de luto na capela, com seus ternos pretos e véus de renda, ouvissem o som e levantassem a cabeça! Até que os cortadores de açúcar, que tinham recebido o dia de folga por respeito à Dona Aurora, saíssem de suas palhoças e se perguntassem de onde vinha aquele som magnífico! Em vez disso segurei o disco de laca nas duas mãos e fui dobrando-o até ele se estilhaçar feito vidro.

– Por que você está chorando?

Graça estava junto à porta, o vestido preto amarrotado, o véu de renda embo-lado na mão.

Enxuguei os olhos e respondi à sua pergunta com outra:

– O que você está fazendo aqui?

– Aquela capela cheira a ovo podre. Ninguém liga se estou lá ou não. – Graça entrou na sala e olhou os cacos do disco junto aos meus pés. – Nós vamos fugir.

– Para onde? – perguntei.

– Para o Rio. Para onde mais?

– Você deveria primeiro ir para o Recife. É mais perto.

Graça balançou a cabeça.

– O Rio é o lugar. É onde fazem os programas de rádio. E minha tia disse que tem filmes lá. Um filme é uma fotografia que se mexe, Dor. Passa numa tela maior do que um canavial e a gente vê os atores se mexendo, representando os papéis.

– Que nem numa peça de teatro?

– Não. Não são pessoas de verdade representando os papéis. São imagens delas, se mexendo. Assim elas podem estar em muitos lugares ao mesmo tempo.

– Que nem fantasmas? – perguntei, pensando no mausoléu da capela e na Dona Aurora lá dentro, enfiada numa gaveta de pedra fria. – Parece coisa de macumba.

– Bom, não é. Você vai ver.

– Como?

– Vamos entrar num navio. Pegar o trem. Tem muitos jeitos de chegar no Rio.

– Vamos precisar de passagens – falei. – A gente precisaria comprar.

– Mamãe me deixou um monte de joias. Estão no armário dela. Vamos pegar e vender pelo caminho.

- Vender para quem?
- Pare de ser chata! Quem se importa em saber *como* a gente vai chegar lá?
- Eu me importo.
- Você é chata feito uma tábua! – berrou Graça antes de sair pisando firme.

Acabamos nos reconciliando. Na época isso sempre acontecia. Depois dessa discussão Graça parou de falar em fugir do Riacho Doce, mas eu sabia que a ideia estava dentro dela como uma semente na terra, pacientemente se enraizando.



Todos os anos havia uma grande queimada no canavial. A colheita era sempre no verão, no tempo seco. O rio se tornava mais estreito, as estradas rachavam e se enchiam de poeira, a água ficava com gosto de terra. Mas a cana permanecia verde e densa, as folhas compridas e afiadas como machetes. Se um cortador pegasse seu facão e tentasse cortar uma área não queimada, seria como lutar contra mil homens. Seria retalhado, se não fosse picado e morto por uma cobra venenosa antes. Assim, no início de cada colheita, um exército de cortadores levava latas de gasolina até as bordas dos canaviais. Era sempre no crepúsculo, quando a temperatura refrescava e o vento diminuía. Os cortadores andavam em fileiras, derramando gasolina na base marrom dos pés de cana, e depois acendendo.

Graça e Dona Aurora, quando era viva, sempre iam para o Recife durante as queimadas. Era desagradável ficar. O fogo nunca chegava perto da casa-grande, mas seu calor atravessava as paredes e nos dava a sensação de estarmos presos num forno. Todo mundo no Riacho Doce, até Seu Pimentel, que fingia supervisionar as queimadas, precisava usar lenços molhados em cima do nariz e da boca por causa da fumaça. Nossos olhos ardiavam. As roupas fediam a fuligem durante semanas depois do fim da queimada. Cinzas flutuavam no ar como se milhares de pássaros escuros tivessem perdido as penas. E no céu havia provavelmente mais de mil pássaros, voando ao longo das bordas do canavial em chamas, pegando as cobras, os ratos e gambás que fugiam do fogo.

Quando o vento mudava de repente, os cortadores ficavam presos entre as áreas incendiadas. Homens morriam. Não todo ano, mas com frequência suficiente para tornar as queimadas um momento de inquietação no Riacho Doce. Nós, na casa-grande, recebíamos ordem de ficar longe dos canaviais.

Nos meses depois da morte de Dona Aurora, quando Graça e eu fizemos 13 anos, ela foi enviada para longe durante essa época, para ficar com uma tia no Recife. Seu Pimentel mandou dinheiro suficiente para a tia comprar um novo guarda-roupa completo para ela. Os botões de suas blusas antigas se esticavam

contra o busto que crescia. As saias estavam apertadas nas coxas. Uma costureira no Recife podia fazer uma dezena de vestidos largos para Graça, mas nem mesmo um saco de aniagem conseguiria esconder sua nova silhueta. Era difícil para todo mundo no Riacho Doce – criadas, criados, até o Velho Euclides – não ficar olhando quando ela passava.

Graça não era bonita, pelo menos não como fomos ensinados a ver a beleza, como algo que provoca desejo ou necessidade de proteger. Graça não era sensual nem delicada. Não havia nada realmente extraordinário em sua boca, em seus olhos ou seu corpo. Mas quando a gente combinava todos os seus atributos físicos com a voz, o riso, a energia crua e inabalável e a maneira como se movia, Graça nos fazia acreditar que ela era linda. Estar ao lado dela fazia a pessoa se sentir parte de uma grande aventura, um destino cheio de significado e propósito. Sua beleza não era uma característica física. Era uma influência sob a qual se caía – como uma bebida forte ou uma carreira de pó –, infundindo a pessoa com coragem, espirituosidade e simpatia que a gente nem tinha ideia de que tinha, até ela fazer tudo aquilo sair com jeitinho.

Eu não sabia disso quando éramos crianças, claro. Fui perceber muitos anos depois, quando vi Graça em seu caixão. Ele estava cercado de flores e Graça lá dentro, de olhos fechados, com os braços cruzados sobre o peito. Usava um vestido de gala vermelho e seu batom vermelho característico, mas parecia perturbadoramente comum: uma professora primária fantasiada de atriz. Inclinei-me e a belisquei com força.

– Graça, pare de brincadeira! Levante-se. Por favor! – sussurrei, até Vinicius me puxar para longe.

Ao contrário de Graça, nos nossos anos de adolescência eu fiquei alta, e não curvilínea. Minhas blusas eram curtas demais para o tronco; as saias não conseguiam cobrir as pernas subitamente desengonçadas e pouco cooperativas. Eu tinha que me inclinar para passar pelas portas baixas da cozinha. Os cavaliços, os trabalhadores do engenho, até Seu Pimentel precisavam levantar a cabeça para me olhar nos olhos. Muitos anos depois, quando nos mudamos para Los Angeles, medir 1,78 não era algo estranho em meio às estrelas amazonas e aos galãs robustos do cinema, mas no Brasil eu era indiscutivelmente enorme. Na adolescência minha altura não me incomodava tanto quanto as outras mudanças no corpo. Meu peito estava sensível ao toque e, para meu horror, pelos escuros brotaram embaixo dos meus braços e entre as minhas pernas. As criadas e as ajudantes de cozinha tinham pelos nesses lugares, mas nelas isso parecia natural, bonito até.

No fim do dia Nena sempre ordenava que algumas ajudantes voltassem aos seus postos porque tinham esquecido de limpar direito alguma coisa. Durante a queimada da cana, ela me mandou para a área do vestiário das mulheres, para pegar as ajudantes de cozinha delinquentes. Havia um bando delas lá, fofocando e tirando os uniformes e aventais para serem lavados. Eu me escondi junto à porta, tonta com o cheiro de perfume barato misturado com a fumaça da queimada, e fiquei olhando aquelas gloriosas moças do campo se espremerem para fora de seus uniformes engomados. Era um mistério como aquelas moças, que antes me maltratavam e irritavam, haviam subitamente se tornado as criaturas mais fascinantes que eu já tinha visto. Tentei ficar fora das vistas pelo máximo de tempo que pude, só para olhá-las desabotoar os uniformes e levantar os braços compridos acima da cabeça, com as axilas cheias de pelos, as barrigas lisas, os seios pendendo redondos e macios como frutas perfeitamente maduras.

Uma das empregadas me pegou junto à porta.

– Sua espã – sussurrou ela. – Não vá contar à Nena o que eu falei, de me encontrar com o Rodrigo atrás do galinheiro.

– Está brincando – disse outra empregada. – Jega não estava prestando atenção a uma palavra do que você disse! – falou ela, antes de segurar os seios nus e os sacudir para mim.

Olhei para as tábuas do piso. As empregadas riram. Eram grosseiras, más, e esperavam que eu sáisse correndo sem dar as ordens de Nena. Respirei fundo e olhei de novo para a que estava sem blusa.

– Nena quer você de volta na cozinha. Você não esfregou direito as tábuas de corte.

Ela sorriu.

– Quando você vai arranjar um namorado, Jega?

– Nunca – rosnei.

As empregadas riram.

– Você vai mudar de ideia. Ou um dos rapazes vai mudar sua ideia por você.

– A quem a gente pode pagar para domar a Jega? – berrou outra moça. – Ela vai morder e escoicear, mas vai ser montada!

Deixei as moças cacarejando e tossindo no vestiário e corri até o pomar. O sol havia se posto, mas uma queimada iluminava o horizonte no oeste. As árvores do pomar estavam peludas, cobertas por cinzas caídas. Andei em volta delas.

Eu não tinha intenção de ser montada por um cavaliço, por um criado ou por qualquer rapaz, na verdade. Nena era a cozinheira-chefe e não tinha marido nem filhos, nem desejo mais profundo do que o de servir à família Pimentel.

Sempre acreditei que esse seria o meu destino, até que Graça chegou. Queria que ela estivesse ali, naquele pomar comigo, e não no Recife, comprando vestidos idiotas. Tentei invocá-la, tentei ouvir sua voz me convencendo de que as criadas eram umas chatas imbecis, e que sonhos maiores, mais grandiosos do que o de ser uma cozinheira de engenho, eram possíveis. Nauseada de saudade de Graça, olhei a cana queimando no horizonte.

Então desobedeci à regra da colheita e fui ver a queimada.

Depois do que pareceram horas caminhando, me escondi atrás de uma carroça que os cortadores usavam para carregar as latas de gasolina e fiquei olhando enquanto eles começavam uma queimada na borda de uma área plantada. A princípio o fogo era tímido. Lambia as hastes e as folhas caídas. Depois subiu, cada vez mais decidido, ganhando confiança, até finalmente jorrar para cima e chamejar, um manancial de luz e calor.

Voltei à casa-grande coberta de fuligem e tão zonza que me sentia bêbada, antes mesmo de saber o que era estar bêbada. Nena me deu uma surra. Naquela noite estava particularmente séria, e fustigou minhas pernas e meu traseiro com uma vara até a pele ficar vermelha e escoriada.

– Está ruim da cabeça?! – disse, ofegante de tanto me bater. – O fogo não se importa se você é uma menina ou uma moita de cana; ele não vai parar por sua causa. Ele quer tudo que tocar.

Durante toda a minha breve vida eu tinha sentido uma dor perpétua, como um dente podre que jamais pudesse curar. Como um osso quebrado que nunca se consolidasse. Jega não tinha permissão de querer nada além dos desejos mais básicos da condição humana: um prato de comida, uma cama, sobrevivência. Mas Das Dores? Das Dores tinha ganhado um caderno e um lápis, aulas, livros e palavras. Tinha ganhado música e uma plateia. Tinha ganhado uma amiga.

Para além daquela cozinha e daqueles canaviais existia um mundo de possibilidades que eu não conseguia imaginar, mas queria. Fiquei pasma com a avidez daquele incêndio no canavial. Era lindo em sua necessidade constante, em sua fome sem limites. Olhei-o queimar, o calor golpeando minha pele, e soube que éramos parecidos, aquele fogo e eu. Queríamos mais do que nos davam, e sempre seria assim.

## FUGA

Lembras, meu amor,  
quando me convenceste a fugir?  
Éramos unha e carne,  
com todo o futuro por vir.

Fizemos nossos planos.  
Fugimos.  
Deixando tudo que nos atava.  
Depois disseste que eu não te amava.

Mas não posso perder a cabeça  
quando há contas a pagar.  
Meu amor é lavar suas roupas.  
Meu amor é cozinhar.  
Meu amor é ver nossos filhos dormir.  
Meu amor é varrer os quintais.  
Meu amor é jamais descansar.  
Meu amor é profundo demais.

Fizemos nossos planos.  
Fugimos.  
Deixamos tudo que nos atava.  
Depois disseste que eu não te amava.

Não sabes que esse amor,  
mais incêndio do que brasa,  
não mantém a luz acesa,  
Não aquece a nossa casa?

Meu amor é lavar as janelas.  
Meu amor é remendar o colchão.  
Meu amor é enxugar as panelas.  
Meu amor é encerar o chão.

Mas fizeste teus planos,  
fugiste.  
Em nossa casa arrumada eu ficava.  
E disseste que eu não te amava.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

